

SABANILLA

L.dz. 42/44

Wpływ dn. 16.3...1944
L. dz. 282/44.....
Przydział.....

dnia 7 marca 1944 r.

W załączeniu przesyłamy fotostatyczną odbitkę wydanego przez komunistów w Brazylii "Manifestu".

Przekład polski tego "Manifestu" nadesłaliśmy następnym kurjerem.

1 załącznik.

Pedro

MANIFESTO

Luta anti-fascista e anti-imperialista - Onde se encontra o elo mais fraco? - Devemos primeiramente escolher o elo mais fraco da cadeia imperialista e assentar contra ele toda a força, evitando desperdício. Neste momento a forma política de dominação do seu próprio povo e dos territórios ocupados pelo "elo mais fraco" da cadeia imperialista é o fascismo (nazi-nipo-fascismo). Portanto, nossa presente tática de luta é justa porque combate o ponto mais debil dessa cadeia e também porque alcança ao mesmo tempo o fascismo em geral, representado pelos satélites do eixo e pelo quinta-colunismo e pelo munichismo nos países cujos povos fazem parte da presente aliança contra o eixo, como é o caso também do Brasil.

O caráter da segunda guerra mundial neste momento é progressista porque é uma aliança dos povos de todos os países em guerra contra o eixo e que, ou desfraldam a bandeira da democracia abertamente, ou seus governos são obrigados a admitir a propaganda, feita deste ou daquele modo, da democracia e do anti-fascismo. Esses povos lutam ao mesmo tempo contra as camadas reacionárias e contra os setores dirigentes do imperialismo dos seus próprios países a fim de levar a cabo esta guerra, pois essas camadas e setores da reação continuam trabalhando para que a luta contra o fascismo seja quebrada e transformada em "cruzada contra o bolchevismo" e pelo fortalecimento de outras formas disfarçadas de ditaduras e de fascismos. Também acontece que esses povos lutam para que a presente guerra contra o eixo seja levada até o fim e cada vez mais se converta numa guerra popular progressista.

Não podemos isolar-nos, nem considerar o nosso caso isolado - Somos um país que luta contra o imperialismo e aspira a uma democracia libertada da tutela estrangeira. Como país semi-colonial não podemos separar a nossa luta da luta geral de todos os povos contra o fascismo. Se quizermos êxitos devemos selar nossa aliança no mesmo sentido em que se dirige a luta justa dos demais países em cada determinado momento. Assim, quando o momento internacional chega a um dos seus pontos cruciantes, como o de hoje, de guerra de morte contra o ponto mais perigoso do fascismo e da reação e contra o elo mais fraco da cadeia imperialista, toda posição, por exemplo, de um país colonial que se colocasse ao lado do eixo, mesmo que o governo desse país fosse "democrático", deveria ser combatida por nós, porque ele estaria prejudicando o conjunto da luta; e, ao contrário, toda posição de qualquer país colonial contra os países que representam o eixo, deve ser apoiada por nós e considerada dentro da mesma caudal destinada a arrebentar com o fascismo e esse elo mais fraco. Tal foi o caso da Grécia invadida pelos camisas negras e cujo governo era a ditadura de Metaxas; da Abissínia, no mesmo caso e onde o regime ainda é escravagista; etc.. Está claro que no processo dessa luta, as vanguardas desses países, aliadas a todas as forças da democracia e a todas as forças econômicas das próprias burguezias nacionais progressistas, interessadas na sua emancipação, devem encontrar fórmulas para estabelecer pontos de apoio a fim de lutar ao mesmo tempo pela própria democratização. Nos países ditatoriais as nossas dificuldades são maiores, mas nós devemos apegar-nos a qualquer ponto de contacto com um apoio no trabalho pratico, porque no processo de desenvolvimento da luta, esses pequenos e debéis apoios tomam corpo e se engrandecem. Em qualquer hipótese, porém, não devemos entusiasmar-nos com otimismo a respeito da situação lá fora favorável às forças da democracia para pretendemos que aqui também tudo melhora e que isso nos permite avançar com relação a novas palavras de ordem mais de esquerda, etc. Devemos evitar também de ligar nossas questões nacionais aos êxitos da URSS, e do seu exército, porque com isso ferimos nossos próprios aliados, além de proporcionarmos armas à reação e ao quinta-colunismo para chamar a atenção da policia contra nós. Uma coisa é o entusiasmo que possa assaltar-nos e aos simpatizantes da URSS, com os feitos do Exército Vermelho e outra coisa é a solução dos problemas nacionais. Mantendo-nos cautelosamente dentro desta linha, o essencial é que estamos engrandecendo as fileiras do mundo que se bate, por este ou aquele interesse, contra o eixo, contra o elo mais fraco da cadeia imperia-

lista, que é inimigo de todos os países e de todos os seus botes. Desviamos nossas energias desse sentido sob o pretexto de que temos o nosso caso particular a defender contra os países imperialistas atualmente também aliados contra o eixo, e desperdiçamos energias e retardamos a luta contra o próprio conjunto imperialista, porque seria gastarmos nossas poucas forças contra eles neste momento mais fortes e que não nos proporcionariam rebentar essa cadeia imperialista. Esses eles estão mais fortes momentaneamente, porque endurecidos pelo apoio que aos seus governos prestam muito justamente seus próprios povos nossos irmãos. A estratégia geral da nossa luta política é contra o imperialismo mundial. Mas a tática do momento, dentro dessa estratégia geral, é a luta concentrada contra um dos seus imperialismos. Pode assaltar-nos a ideia de que, descuidando-nos, no curso desta luta, do combate ao imperialismo n. americano, estaremos criando condições para o fortalecimento deste contra nós. Sem dúvida que a nossa luta contra esse fortalecimento (se há meios de mantê-la), deve ser feita na medida rigorosa em que tal não represente nenhum perigo de provocação contra a URSS, e contra nós mesmos.

UM ELO ARREPENDADO ENFRAQUECE TODO O ORGANISMO DA CORRENTE -- Mas é preciso lembrar, antes de mais nada, que o esmagamento posterior do elo mais fraco da cadeia imperialista representa ao mesmo tempo o enfraquecimento do conjunto dessa cadeia, representa o debilitamento do organismo mundial imperialista e, conseqüentemente, o avanço nos terrenos perdidos, dos povos anti-imperialistas, da URSS, da China e neste caso também da Europa, da Índia, da África, etc.. O fato do imperialismo n. americano ter sido arrastado na guerra contra o imperialismo fascista japonês fez com que (mesmo antes do processo de maior decomposição desse elo mais fraco), a China obtivesse concessões importantes, como a da declaração da renúncia inglesa e n. americana aos seus direitos de extra-territorialidade naquele país. Não se pode pretender que rebentando um dos elos duma corrente esta se ampliará e se reforçará ao mesmo tempo. O imperialismo não pode concentrar vitoriosamente numa sede, que seria N. Iorque, sem poderosos pontos de apoio de dominação, de ocupação de territórios conquistados, etc.. Se os países hoje subjogados e cujos povos se encontram ou se encontrarão de armas nas mãos, conquistarão terreno político com a derrubada do fascismo e isso em formidáveis extensões territoriais, como se pode pretender que estamos reforçando um determinado imperialismo? Sem dúvida que este se aproveita do momento afim de avançar na dominação econômica dos países coloniais onde as massas estão politicamente fracas. Mas, esse fortalecimento vem acompanhado de um enfraquecimento político no terreno mundial, como vimos e particularmente nesses países, porque nesse caso esse imperialismo terá que adotar futuramente formas violentas de sujeição. Nenhum receio deve prevalecer de nossa parte se soubermos - como explicamos mais adiante - transformar esta guerra cada vez mais numa guerra popular e progressista.

GUERRA POPULAR -- O trabalho pela participação da massa nesta guerra, pela popularização da guerra é, neste momento, uma luta concreta contra o governo ditatorial, porque precisamente por isso, o atual governo não quer popularizar esta guerra. A luta direta contra a pessoa de Getúlio não só é impossível, como perigosa e oferece armas à quinta-coluna para mobilizar nossos inimigos contra nós. Fazemos muito mais lutando contra o inimigo concreto do que contra a pessoa de Getúlio. As pessoas, tomadas como pessoas, serão arrastadas pelos próprios acontecimentos, como sempre. Devido ao seu passado e à sua fama de manobrador perigoso, temos estado vendo apenas uma árvore sem ver o bosque inteiro. Temos perdido as verdadeiras perspectivas por muito pouco. E temos, nos mesmos, dado a pessoas poderes sobrenaturais que não existem. Nesse sentido, nosso trabalho deve ser o de levar todos os elementos ao nosso alcance, absolutamente não conhecidos como pessoas, e sobre os quais não recorre nenhuma suspeita de influência nossa, as organizações já existentes, para a mobilização da massa. Em todos os pontos onde haja possibilidades de penetrarmos e provarmos que estamos realmente dispostos a dar nosso esforço desinteressado para a guerra, devemos fazê-lo afim de desmascarar a argumentação da quinta coluna contra nós e conquistarmos a confiança da massa nesse sentido. Não se trata de não assustar a burguezia e de fazê-la acreditar na nossa sinceridade

acreditar na nossa sinceridade. A burguezia sabe o que somos e o que pretendemos. Trata-se antes de mais nada, de conquistar a própria massa que essa burguezia procura indispor contra nós. Devemos, pois, trabalhar sinceramente no esforço de guerra. Porque, no dia em que tivermos realmente conseguido que o povo se comprometa nesta guerra e se encontre mobilizado e em armas, teremos transformado a própria contextura do nosso Exército, da Armada e do governo.

Fazer trabalhar e transformar as organizações existentes - Nós sabemos que muitas organizações já existentes, como a Liga de Defesa Nacional, a Liga de Assistência, etc., pouco ou nada fazem porque precisamente foram levantadas e estão dirigidas por elementos na sua maioria reacionários, cujo interesse é precisamente o de evitar que o nosso país tome parte na guerra contra o eixo. Não devemos por isso pretender criar nossos órgãos particulares, porque, por um lado restringiriamos nossa possibilidade e por outro criaríamos suspeitas, além de todas as demais dificuldades, de reconhecimento, etc., Devemos, ao contrário, convencer elementos sinceramente patriotas e contrários ao eixo (não nós) a entrar para essas organizações, já existentes afim de levá-las por pressão dos aderentes a trabalhar. Ali em cada setor onde tudo está às moscas, em benefício do quinta-colunismo, devemos encontrar alavancas capazes de movimentar essas organizações para os fins que apregoam. Devemos criar departamentos onde se tornem necessários, através de médicos, enfermeiros, farmacêuticos, militares, etc. Departamentos ligados à massa e de interesse desta. Uma grande parte da massa brasileira não compreende o alcance desta guerra, grandes setores se encontram contra esta guerra, ouvem-se restrições de muitos lados. O que acontece é que essas camadas das nossas populações não foram atingidas pela propaganda anti-fascista, ou receiam a guerra, ou não vêm porque motivo devemos dar nossas energias aos esforços desta guerra aceitando-a como ela vier, aqui em nosso território ou onde quer se trate de esmagar o fascismo. Palavras de ordem dessa natureza são espalhadas habilmente por quinta-colunistas e sem querer muitos de nossos companheiros e muitos democratas e anti-fascistas se fazem inconscientemente veículos delas, porque não compreenderam também, o verdadeiro interesse do Brasil, do seu povo e das esquerdas. Devemos tirar de nossas cabeças nossas próprias dúvidas afim de tirá-las depois das cabeças de nossos amigos e companheiros.

União Nacional - Não confundir União Nacional com frente popular. A frente popular é uma aliança do proletariado com a pequena burguezia do campo e das cidades, inclusive contra o seu governo quando este está fora da frente popular. Mas isso foi em outra oportunidade e em outras condições. Agora se trata da luta de morte contra o fascismo e nós admitimos como aliados, nesta guerra, além das forças já citadas, a burguezia progressista e, em relação a esta guerra e diante da posição tomada pelo governo, união nacional admitindo também o governo. Não se trata, evidentemente, de união nacional com o Estado Novo ou com o Estado Nacional, com o fascismo. Trata-se de estar com este governo na guerra, declarada por ele ao eixo. Devemos combater em nosso meio as formulações que pretendem ajustar a nossa situação as situações de outros países, como o cardenismo, chan-cai-chequismo, batismo, etc.. Neste nosso esforço pela verdadeira União Nacional devemos abstrair pessoas para vermos condições, interesses e agrupamentos nacionais interessados nela. Não se trata de convidar o sr. Getúlio para se unir a nós. Trata-se de criar condições tais, capazes de obrigá-lo a união nacional efetiva contra o eixo. Trata-se de levar este governo cada vez mais aos atos concretos. Não podemos também estabelecer esquemas rígidos de condições sem as quais nos negamos a marchar para essa união nacional. Nosso trabalho para realizá-la cada vez mais deve ser dinâmico, elástico o mais possível, afim de que caminhemos para a união nacional pregada por nós, das forças democráticas, do povo com o governo (contra o eixo e a quinta-coluna) e não aquela união nacional pretendida pelos elementos fascistas em torno a um chefe determinado. União Nacional não é uma coisa formal, assim como também não é um restrito aparelhamento governmental e burocrático. É a unidade

de todas as forças progressistas do país e que, num crescendo, obrigaram, na prática, o próprio governo a agir em função da luta contra o eixo. É preciso, por exemplo, que reconheçamos que as condições internas do nosso país estão modificadas desde o momento da declaração da guerra ao eixo. E esse é um dos pontos da união nacional, sem que tivesse havido propostas formais entre as forças populares e o governo. O povo saiu à rua, quando do afundamento dos nossos navios e essa pressão mostrou ao governo que não havia outro caminho a tomar. A apresentação de exilados logo após isso ao nosso governo para incondicionalmente participar desta guerra quebrou muitos pontos de apoio que favoreciam nossos inimigos na propaganda contra as esquerdas, sob o pretexto de falta de patriotismo, etc.. Reconheçam-se erros de formulação por parte de muitos deles e de exagerado otimismo, mas também devemos considerar que muitas dessas formulações foram deformadas por quinta-colunistas, trotskistas, etc., interessados naturalmente em desmoralizar-nos.

COM QUE FORÇAS CONTAMOS? A maleabilidade de nossa tática, nossas pretensões nos avanços da democracia, dependem diretamente da nossa força presente. Esta deve ser analisada considerando nossa falta absoluta de organização partidária e da necessidade de que tal organização não seja feita por enquanto, porque os setores de esquerda estão mais minados pela polícia do que mesmo se possa conceber. No momento tudo indica que a polícia está interessada em que nos organizemos porque ela sabe que em qualquer organização surgida no momento ela conta com infiltração. Por outro lado a polícia sabe que sem um debate amplo das nossas questões não nos será possível criar um órgão suficientemente forte para evitar divisões nas esquerdas. E a polícia e o governo estão interessados em que nos mantenhamos divididos. Não temos, portanto, forças suficientes para, como no caso da China, onde até exercito as esquerdas possuíam, impor condições prévias, além de que no caso da China tratava-se naquele momento de um território invadido, com a massa mais disposta à luta e a união, enquanto que em nosso caso somos um país onde certas forças do governo forçam a permanência do estado atual de coisas para o lado de uma guerra "inofensiva", onde há ainda grandes resistências a quebrar dentro do próprio exército e da armada. A nossa força vai apenas até onde a própria massa espontaneamente faz exigências e somente nesses momentos é que somos fortes e podemos procurar dirigir essas exigências. Tal foi o caso da declaração de guerra, em que não somente a pressão americana fez-se sentir, mas também a da massa nas ruas.

NÃO VAMOS REFORÇAR O GOVERNO CONTRA O POVO - Existe mais o perigo de estarmos lutando ao lado de um governo impopular e portanto não devemos trabalhar para que se levante de novo o prestígio desse governo. Fora de dúvida, Mas, devemos agir de tal maneira que isso não se converta em nossa abstenção da guerra, com o que estaremos favorecendo ao fascismo e á quinta-coluna. Repetimos: estaremos verdadeiramente lutando pela decomposição do atual governo e do seu aparelhamento fascista na mesma medida em que conseguirmos tornar popular esta guerra e fazermos com que as armas sejam postas nas mãos do povo. Há uma pergunta a fazer: este governo, sentindo que a guerra - a qual ele é forçado - se fará desde que ele se entregue sinceramente á união nacional e ás esquerdas, fará uma virada em tal sentido? Não é de crer que chegue a tanto, por causa de seus fortes compromissos anteriores com o fascismo. Mas é indubitável que a própria situação e os acontecimentos próximos nos empurrem a um tal novo estado de coisas e nesse caso um tal governo, ou fará essa união nacional ou cairá sem nenhuma necessidade de revoltas. Esse novo estado de coisas caminhará para nós tanto mais depressa quanto mais habilmente e cautelosamente soubermos realizar as tarefas que o momento nos impõem pessoalmente a cada um, pois como já dissemos, não se pode realizar nenhuma organização ilegal e qualquer que se levante estará desautorizada.

ONDE ESTÃO AS VERDADEIRAS FORÇAS DA GUERRA E DO ANTI-FASCISMO?
Devemos esquecer as pessoas nos nossos exames da situação e examinar

melhor as forças econômicas de cada grupo aproximado do governo e qual os interesses a que respondem. Onde se encontram as forças da burguesia interessadas na continuação desta guerra, novas indústrias, exportadores de carnes, matérias primas, etc..? Onde estão os interessados na paz, como por exemplo os comerciantes, agricultores e industriais que antes negociavam com o eixo, etc/ Estas forças e que, acima de suas ideologias, defendem grupos ideológicos. Os partidários da paz só podem, neste momento, colocar-se ao lado do eixo, embora não sejam politicamente fascistas. E o contrário com os outros.

REIVINDICAÇÕES ECONÔMICAS - Existe a parte da massa não politizada, á qual não podemos dirigir-nos com êxito falando em guerra e em necessidade de ir combater o fascismo de armas nas mãos, etc.. Devemos encontrar pontos de contacto com essa massa através de uma atuação de elementos nossos amigos ou influenciados por nós, inteiramente saídos dessa massa e não levados a ela por imposição, fazendo-os dirigir movimentos de reivindicações também não impostos sob formas de luta tipicamente nossas que a massa não aceite. Devemos mandar que esta seja consultada e tocar com as forças que esta esteja dispostas a ensinar, sem que essa luta represente perigo de provocação ou prejudique a mobilização pela guerra. Depois de conquistada a confiança dessa massa em torno a tais elementos, será chegada a vez de começar a falar em política afin de levá-la, aos poucos, a atos concretos em favor da guerra contra o eixo. Essencialmente dar sempre conteúdo anti-fascista a tudo isto.

CONTRA OS QUINTA-COLONISTAS - Na procura dos pontos de apoio concretos não excluimos também a luta pessoal que seja possível e não perigosa contra este ou aquele elemento quinta-colunista ainda infiltrado no aparelhamento estatal ou que possa prejudicar a guerra contra o eixo. Deve ser feita com toda a habilidade e sendo de responsabilidade capaz de proporcionar-nos resultados, sem cairmos em erros de que possam esses mesmos inimigos utilizar-se.

CONFERE COM O ORIGINAL.

Porto Alegre, 31 de Junho de 1943.

Dagoberto Gonçalves
Maj. DAGOBERTO GONÇALVES
Major, Chefe da II/E. M. R.-

3
4
5



6
7
8

